

COMENTÁRIO BÍBLICO

Domingo de Ramos – Ano B

28mar2021

Entrada messiânica de Jesus em Jerusalém: S. Marcos 11, 1-10

¹Depois de passarem por Betânia e Betfagé, chegando ao Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, Jesus mandou dois discípulos ²e ordenou: "Ide à povoação que fica ali em frente. Logo ao entrar, encontrareis um jumentinho preso, que ainda ninguém montou. Soltem-no e tragam-no cá. ³Se alguém vos perguntar por que fazeis isso, digam que o Senhor precisa dele e logo a seguir o mandará entregar."

⁴Eles foram até lá, encontraram realmente um jumentinho preso a uma porta do lado de fora e soltaram-no. ⁵Alguns dos que estavam por ali perguntaram: "Por que é que estais a soltar o jumento?". ⁶Eles responderam como Jesus tinha dito e os outros deixaram-no levar.

⁷Os discípulos trouxeram o jumento a Jesus, puseram as suas capas por cima do animal e Jesus montou-o. ⁸Então muitas pessoas estenderam também as capas pelo caminho e outras espalharam os ramos que tinham cortado no campo. ⁹Tanto as pessoas que iam à frente como as que seguiam atrás clamavam: "Glória a Deus! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!" ¹⁰Bendito seja o reino que está a chegar, o reino de nosso pai David! Glória a Deus nas alturas!»

Naqueles tempos, os triunfos militares dos exércitos romanos eram coroados com cortejos solenes de entrada em Roma. O imperador ou o triunfador, trajando uma armadura brilhante, sentado num cavalo, seguido pelo exército que tinha levado a lugares longínquos o poder de Roma, era recebido em delírio pelo povo. Uma forma suprema de honra e de poder. Porém, na narrativa deste Evangelho tudo se passa ao contrário. Um homem de vestimenta simples e pobre sobre um jumentinho, com uma capa a fazer de sela, com muita gente aclamá-lo e a acompanhá-lo. Que quererá isto dizer? Jesus assume a Sua identidade messiânica, mas dum modo diferente do poder e da honra do império. Com uma simplicidade e uma humildade que impressionam, organiza Ele mesmo a entrada para que seja, não a ostentação triunfal de um vencedor, mas uma manifestação popular de paz e alegria das gentes mais humildes e simples, os que sempre o acompanharam. Aclamavam-No recordando os prodígios que Lhe tinham visto, a dádiva da vida aos enfermos e o alimento aos pobres. Em suma, a entrada de Jesus em Jerusalém significa que em Jesus triunfa tudo o que na ordem presente fracassa (José M^a Castilho). É o "escândalo" para a oligarquia religiosa judaica e a "loucura" para os gentios (I Coríntios 1, 21-25), como Lhe chama S. Paulo. Mas é mais, é o 'sinal' da peculiaridade do Reino de Deus. Só o pode aperceber quem "nasce de novo", quem se deixa tomar pelo Espírito e, em humildade, aceita viver no mundo sabendo que não Lhe pertence.

Santa Eucaristia: Isaías 50,4-9; Salmo 31,9-16; Filipenses 2,5-11

S. Marcos 15, 1-39

¹De manhã muito cedo, os chefes dos sacerdotes reuniram-se com os anciãos, os doutores da lei e todos os outros membros do tribunal. Depois amarraram Jesus, levaram-no dali e foram entregá-lo a Pilatos. ²Este perguntou a Jesus: «És o rei dos judeus?» Jesus respondeu-lhe: «Tu o

dizes.»³ Como os chefes dos sacerdotes faziam muitas acusações contra Jesus,⁴ Pilatos perguntou-lhe ainda: «Não respondes nada? Olha quantas acusações eles fazem contra ti!»⁵ Mas Jesus não respondeu mais nada e Pilatos ficou muito admirado.

Era costume, durante a festa da Páscoa, Pilatos soltar um preso; aquele que o povo pedisse.⁷ Ora havia um, chamado Barrabás, que tinha sido preso com uns revoltosos, por terem assassinado alguém numa rebelião.⁸ A multidão subiu ao palácio e começou a pedir a Pilatos que lhes soltasse um preso, como era seu costume.⁹ Pilatos perguntou-lhes: «Querem que vos solte o rei dos judeus?»¹⁰ É que ele bem sabia que os chefes dos sacerdotes lhe tinham entregado Jesus por inveja.¹¹ Mas os chefes dos sacerdotes insistiam com o povo para pedir a Pilatos que soltasse antes Barrabás.¹² Pilatos perguntou ainda: «E que hei de eu fazer então a este homem a quem vocês chamam o rei dos judeus?»¹³ «Crucifica-o!», gritou a multidão.¹⁴ Pilatos insistiu: «Mas por quê? Que mal fez ele?» Porém o povo gritava cada vez mais: «Crucifica-o! Crucifica-o!»¹⁵ Pilatos soltou Barrabás porque desejava agradar ao povo. E depois de mandar açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

¹⁶ Os soldados levaram Jesus para o interior do pátio do palácio chamado Pretório e juntaram ali toda a tropa.¹⁷ Puseram sobre ele uma capa vermelha, colocaram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos entrançados¹⁸ e começaram a saudá-lo: «Viva o rei dos judeus!»¹⁹ Ao mesmo tempo batiam-lhe com uma vara na cabeça, cuspiam-lhe e punham-se de joelhos diante dele, como se estivessem a adorá-lo.²⁰ Depois de troçarem dele, tiraram-lhe a capa vermelha e tornaram a pôr-lhe a sua roupa. Por fim, levaram Jesus dali para o crucificarem.

²¹ No caminho encontraram um homem que vinha do campo e obrigaram-no a levar a cruz de Jesus. Chamava-se Simão Cireneu e era pai de Alexandre e de Rufo.²² Levaram Jesus a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer Caveira.²³ Quiseram dar-lhe a beber vinho com mirra, mas Jesus não aceitou.²⁴ Em seguida pregaram-no numa cruz. Repartiram a sua roupa, tirando à sorte para ver o que cabia a cada um.²⁵ Eram nove horas da manhã quando o crucificaram.²⁶ Por cima da cruz puseram um letreiro, com o motivo da sua condenação, que dizia: «O rei dos judeus».²⁷ E crucificaram dois ladrões juntamente com ele: um à sua direita e outro à sua esquerda.²⁸ Cumpriu-se assim a Escritura que diz: Foi considerado como um criminoso.

²⁹ Os que passavam por ali insultavam-no e abanando a cabeça diziam: «Olha o tal que deitava abaixo o templo e tornava a construí-lo em três dias!»³⁰ Desce agora da cruz e salva-te a ti mesmo!»³¹ Também os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei troçavam de Jesus dizendo uns para os outros: «Salvou os outros e não consegue salvar-se a si mesmo!»³² Já que é o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz para vermos e acreditarmos nele.» Até os dois ladrões que foram crucificados com ele o insultavam.³³ A partir do meio-dia toda a terra ficou às escuras até às três horas da tarde.³⁴ Foi então que Jesus exclamou com voz forte: «Eloí, Eloí, lemá sabactáni?» que traduzido quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»³⁵ E alguns dos presentes ao ouvirem-no diziam: «Olhem! Está a chamar por Elias!»³⁶ Então um homem foi a correr, molhou uma esponja em vinagre, pô-la na ponta duma vara, chegou-a à boca de Jesus e disse: «Deixem lá, vamos a ver se Elias o vem tirar da cruz!»³⁷ Mas Jesus deu um grande grito e morreu.³⁸ Então a cortina do templo rasgou-se ao meio, de alto a baixo.³⁹ O oficial do exército romano, que estava em frente da cruz, vendo como Jesus morreu, exclamou: «Este homem era realmente o Filho de Deus!»

1. Com o Domingo de Ramos inicia-se a Semana Santa, um tempo que começa com o alegre clamor dos acompanhantes de Jesus na Sua entrada messiânica em Jerusalém – «Bendito seja o reino que está a chegar, o reino de nosso pai David! Glória a Deus nas alturas!» – e termina com um outro maior e mais solene anúncio, o da Ressurreição gloriosa, na “noite bendita entre todas as noites”, a Vigília Pascal. Porém, entre esses dois momentos festivos acontecem a paixão

e morte de Jesus. A Ressurreição existe porque existiram o sofrimento, a paixão, a crucificação e a morte. Estas não têm a última palavra. Com Jesus somos chamados a percorrer o caminho da cruz, o caminho transitório, para chegarmos ao definitivo, a Ressurreição e a vida eterna.

2. O Evangelho da Santa Eucaristia, chamado neste Domingo o Evangelho da Paixão, narra os diversos episódios dos últimos dias da vida de Jesus. Aí somos confrontados com personalidades de interesses e sentimentos contraditórios: Judas – entrega Jesus às autoridades religiosas no convencimento de que “aceitariam” Jesus como o Messias e restaurariam o Reino de Israel, expulsando os Romanos; Pilatos – mais interessado em alcançar o apoio da população do que em fazer justiça, entrega Jesus para ser crucificado; as autoridades religiosas – postas em causa pela pregação de Jesus, manipulam o povo e levam Pilatos a assumir o veredito da Sua morte; os discípulos – adormecidos, atordoados pela prisão de Jesus e o decorrer dos acontecimentos, sentem-se desprotegidos e desaparecem; Pedro – para se livrar de ser preso, nega o Senhor três vezes; Simão Cireneu – ajuda Jesus a levar a cruz; as mulheres, incluindo Maria, mãe de Jesus – acompanham o cortejo dos supliciados e choram o sofrimento e a morte de Jesus junto à cruz; o povo e a soldadesca – habituados àquele espetáculo, concentram em Jesus uma espécie de ira incontida, riem e comentam jocosamente o que veem; o oficial romano – numa espécie de “visão” alcança o significado do que está a acontecer. Só Jesus, o justo sofredor, tem consciência do momento: *“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”* (S. Lucas 23, 34); *“Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso”* (S. Lucas 23, 43); *“Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”* (S. Mateus 27, 46); *“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”* (S. Lucas 23, 46); *“Está consumado”* (S. João 19, 30). Em tudo isto Jesus “fala-nos” da humildade de Deus.

3. Quando Jesus nos avisa que Deus *«escondeu as coisas santas aos sábios e aos hábeis e as revela aos pequeninos»* (S. Lucas 10, 21), quer dizer-nos que olha o nada do homem como precioso e pleno de grandeza. Por isso, disse aos seus discípulos *«Aprendei de mim, porque Eu sou manso e humilde de coração»* (S. Mateus 11, 29), e, na última ceia, ajoelhou-se diante dos apóstolos e lavou-lhes os pés, para lhes revelar o mistério divino da humildade (S. João 13, 1 e seg.). Habitados a proclamar *“Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”*, vamos diminuindo na consciência de que Deus só pode ser humilde, pois, doutra forma não se compreende a Sua determinação em assumir-se na existência de um homem simples da pequena aldeia de Nazaré. Deus encontra no que é pequeno um sentido, que não tem medida para nós, pois, assume a existência humana em Jesus, problemática e aberta ao mal, e ela própria se torna o Seu destino (Romano Guardini). Este é o mistério de que o Apóstolo Paulo nos fala: *«Ele, que por natureza era Deus, não quis agarrar-se a esse direito de ser igual a Deus. Pelo contrário, privou-se do que era seu e tomou a condição de escravo, tornando-se igual aos homens. E, vivendo como homem, humilhou-se a si mesmo, obedecendo até à morte, e morte na cruz. Por isso, Deus elevou Jesus acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo o nome»* (Filipenses 2, 6-9). É esta a humildade de Deus, manifesta no Calvário, Aquele que ama humildemente.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana